

A AUTOFICCIONALIZAÇÃO E A IMAGEM DO ESTRANHO: UMA LEITURA DO CONTO “LIXO E PURPURINA” DE CAIO FERNANDO ABREU

Antonia Marly Moura da Silva (UERN)ⁱ
Francisco Aedson de Souza Oliveira (UERN)ⁱⁱ

Resumo:

Na contemporaneidade, é visível certa recorrência de narrativas que revelam uma escrita pretensamente autoficcional. Segundo Barbosa (2008), a autoficção é uma criação literária que não tem obrigação com a verdade como a autobiografia, podendo, assim, misturar realidade e ficção. Partindo dessas considerações, objetivamos, nesse trabalho analisar o conto “Lixo e Purpurina”, de Caio Fernando Abreu, integrante da obra *Ovelhas negras* (1975), atentando para os elementos que revelam a relação entre autor e personagem, ficção e realidade, entre outros aspectos que envolvem a escrita de *si*, além de buscar identificar traços representativos da condição de exilado, de estranho/estrangeiro vivido pela personagem protagonista do conto. Sob esta ótica, nos basearemos teoricamente nos pressupostos de Bakhtin (2003) sobre a relação autor e personagem, Barbosa (2008) sobre autoficção, Freud (1996) em relação ao conceito de estranho, Viñar (1992) sobre a temática do exílio, entre outros autores. Na leitura de “Lixo e Purpurina”, constatamos que o autor resgata suas memórias fazendo uso de uma técnica narrativa em que a confluência de categorias como realidade e ficção, vida e arte constituem linha de força de sua escrita. Na construção da estrutura narrativa, é notável a representação de um sujeito que experimenta a condição de exilado, de estranho/estrangeiro, a ferramenta para a configuração do jogo entre ficção e história, haja vista a experiência do escritor na condição de exilado vivida na Europa durante a Ditadura Militar.

Palavras-chave: “Lixo e Purpurina”, Autoficcionalização, Estranhamento.

1 Introdução

No contexto da contemporaneidade, podemos observar uma enorme quantidade de narrativas voltadas para a questão do eu, fato que ganha intensidade principalmente a partir da década de 70, momento em que há uma maior valorização dos gêneros considerados autobiográficos como os diários, as confissões, as correspondências e as memórias. Esses gêneros quando de natureza ficcional acabam por revelar aspectos da intimidade dos sujeitos, expressando muitas vezes a condição de indivíduos vazios, estranhos, deslocados e fragmentados, em virtude dos papéis sociais que representam.

O diário, de forma específica, é por natureza um gênero que tem como principal característica a descrição/relato dos fatos ocorridos cotidianamente, que aparecem datados obedecendo a uma sequência cronológica. Foi por muito tempo considerado um gênero menor, porém de acordo com Silva (2012, p. 1327) é na contemporaneidade que ele ganha um “*status* de trama interdiscursiva em que a representação do cotidiano entrelaçado ao biográfico instaura um jogo que parece eliminar as fronteiras entre ficção e confissão, arte e vida”.

É nesse sentido, que nos debruçamos sobre a obra de Caio Fernando Abreu que é considerada pela crítica literária como pretensamente autobiográfica. Segundo Bakhtin (2003,

p. 139) a autobiografia é o relato de uma vida “a forma transgrediente imediata que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e a minha vida”.

No entanto, esse tipo de narrativa mantém um forte pacto com a realidade, diferentemente do termo autoficção que descarta esse pacto e, por isso, é essa nomenclatura mais utilizada atualmente para designar os textos que misturam o ficcional e o real. Para Barbosa (2008) a autoficção aparece como uma nova maneira de subjetividade, consciente da fragmentação do homem moderno que permite a ele uma nova forma de se ver, de se descrever, de se narrar.

Seguindo esse raciocínio, buscamos nesse trabalho analisar o conto “Lixo e purpurina” de Caio Fernando Abreu, integrante da antologia *Ovelhas negras* (1975). Nosso propósito é identificar elementos que revelam a relação entre autor e personagem, ficção e realidade, entre outros aspectos que envolvem a escrita de si, além de buscar compreender a condição de exilado, de estranho/estrangeiro vivido pela personagem protagonista do conto. Sob esta ótica, nos basearemos teoricamente nos pressupostos de Bakhtin (2003) sobre a relação autor e personagem, Barbosa (2008), Viñar (1992), entre outros autores.

Escolhemos como objeto de estudo o conto supracitado por considerarmos um exemplo significativo no que se refere à temática em pauta. Na leitura pretendida, defendemos a hipótese de que a ficção de Abreu retrata, através de fragmentos que intercalam ficção e realidade, o período que o escritor viveu de forma voluntária exilado na Europa na década de 70.

Na leitura de “Lixo e purpurina”, narrativa de gênero híbrido, localizado nas fronteiras do diário e do conto, fica visível que a ficção funde-se com a realidade, chegando ao ponto de confundirmos o que é fictício e o que faz parte da vida real do autor. Sendo assim, o princípio mimético que rege a relação entre autor e personagem cria uma forte unidade, a partir da qual separar essas duas categorias se torna quase impossível, afinal uma está imbricada na outra (SILVA, 2012).

Sobre a relação autor e personagem Bakhtin afirma:

O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse *excedente* de visão e de conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a que cada personagem, é que se encontra todos os elementos de acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo. [...] a personagem vive de modo cognitivo e ético, seu ato se orienta em um acontecimento aberto e ético da vida ou no mundo dado do conhecimento; o autor guia a personagem e sua orientação ético-cognitiva no mundo essencialmente acabado da existência, a qual, descartando o sentido imediatamente seguinte do acontecimento, é de índole axiológica pela diversidade mais concreta da sua presença (2003, p. 11).

Percebe-se assim, que as experiências e as memórias vividas pelo autor são transportadas para a imaginação, tornando-se matéria literária. Esses sentimentos que envolvem autor e personagem se aglutinam no texto poético, tornando-se estes uma única representação.

“Lixo e purpurina” além do seu tom autoficcional explora como eixo central da narrativa, o exílio, pois a personagem principal vivencia e experimenta a condição de exilado, de estranho/estrangeiro percebido no conto a partir de duas perspectivas: uma geopolítica, na qual temos a figura de um brasileiro que se encontra em Londres e experimenta uma tensa

relação dualística entre passado e presente, Brasil e Inglaterra, identidade e alteridade; a segunda pode ser entendida através das ideias de Marcelo Viñar (1992) que enxerga o exílio como uma forma de constituição do indivíduo.

Segundo o autor mencionado acima, o sujeito se constrói por meio de suas ilusões e de seus projetos que podem ser remodelados a partir da vivência entre o ser e as pessoas. O exílio é assim, o responsável por esse movimento que sempre leva o indivíduo a estranheza do não familiar. Viñar (1992, p. 111) afirma que o exílio se caracteriza como uma espécie de “tempo de inércia e contemplação, que emerge após a tormenta, o naufrágio e a catástrofe: propõe o desafio que podemos construir a partir da perda, da desilusão, do desencorajamento, da derrota”.

O sujeito nessa condição vive em colapso, pois está sempre a procura de um novo lugar, que nunca é inteiramente conquistado. Segundo Ginzburg (2005, p. 39) o que define esse sujeito é “especificamente a sua marginalidade, o seu incessante deslocamento com relação às condições necessárias para sua socialização”, tal como presenciamos em “Lixo e purpurina”.

CAIO FERNANDO ABREU: UM SUJEITO AUTOFICCIONAL

Caio Fernando nasceu em Santiago do Boqueirão, Rio Grande do Sul. Começa a despontar na literatura brasileira, através de sua escrita marginal com a publicação do romance *Limite branco* (1970) e a coletânea de contos *Inventário do irremediável* (1970). Cinco anos depois publica a antologia de contos *O ovo apunhalado* (1975). Porém, tem seu pleno reconhecimento como contista a partir da publicação de *Morangos mofados* (1982), que é considerado um dos seus mais importantes livros de narrativas curtas.

Morreu, aos 47 de idade, vítima do vírus do HIV. O contista hoje não é reconhecido apenas pela crítica especializada, pois conseguiu leitores para além academia. A contística do escritor da paixão como postulou Lygia Fagundes Telles aparece no cenário das letras num momento de forte repressão social e política, advinda da contracultura que se instaura principalmente nos grandes centros urbanos e a qual serve de matéria poética para Caio, haja vista, que essa passa a aparecer com mais frequência em suas obras a partir da publicação de *O ovo apunhalado* (1975).

O escritor gaúcho elege diversas temáticas ligadas ao vazio da vida nos grandes centros urbanos, delineando situações de solidão, exílio, sexualidade e identidade como elementos centrais de suas narrativas. Os sujeitos que habitam suas narrativas, estão em constante movimento a fim de (re)constituírem suas identidades fragmentadas em virtude dos papéis sociais que precisam representar para serem “aceitos”.

Seus textos apresentam uma linguagem densa, ora veloz, ora lenta que leva o leitor a sentir um amálgama de sentimentos, vertigens, pois revela através de sua escrita a angústia de personagens deslocados, estranhos, excluídos que não conseguem ser felizes no espaço em que vivem. Apesar de não considerar por completo sua escrita autobiográfica, é impossível negarmos um tom confessional na sua obra, pois ele falava daquilo que sentia através de uma manipulação ficcional, que se responsabiliza por distorcer a realidade. O autor vivencia a vida da personagem em categorias axiológicas. Segundo Bakhtin (2003, p. 13):

[...] o autor deve colocar-se a margem de si, vivenciar a si mesmo não no plano em que efetivamente vivenciamos a nossa vida; só sob essa condição ele pode completar a si mesmo, até atingir o todo, com valores que a partir da própria vida são transgredientes a ela e lhe dão acabamento; ele deve tornar-se outro em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro [...].

Percebe-se assim, que o autor materializa seu conteúdo ficcional a partir de experiências vividas e valoradas de si mesmo, reorganizando e reinterpretando para que seja criado um novo mundo, no âmbito estético, o da personagem.

Na perspectiva de Silva (2012, p. 1332-1333), “Lixo e purpurina”, narrativa com características híbridas, ou seja, que se estrutura entre o conto moderno e o diário está localizada “na fronteira entre a ficção e a história, literatura e realidade, o conto apresenta a estrutura de um diário, propiciando ao leitor uma reflexão sobre a categoria autoral”.

É válido destacar que a autoficcionalização não é uma forma de narrar exclusiva de “Lixo e purpurina”, tendo em vista que isso também é visível em outras narrativas do contista gaúcho como em “Bem longe de Marienbad”, “Estranhos estrangeiros”, “London, London” todos integrantes do livro *Estranhos estrangeiros* (1996) publicado postumamente. Podemos citar ainda, como exemplo, de forma de narrar atrelada ao tempo o conto “Retratos” de *O ovo apunhalado* (1975) que sua estrutura narrativa se aproxima de um diário. De acordo com Silva (2001 *apud* BAENA, 2008, p. 158) Caio Fernando acreditava,

nesta mescla de vida e obra, ficção e referências pessoais, produzindo algo como um caminhar ritmado desses elementos na mesma trama narrativa, numa espécie de hibridismo literário, salutar, engenhoso e contemporâneo, trazendo consigo a diversidade e intensidade das verdades (re)construídas e constituindo-se naquilo que hoje denominamos de autoficção.

Ao escrever sobre si, sua vida e sua história o autor não só reordena os fatos, mas, sobretudo, o conteúdo e as intenções que fizeram parte deles. “Lixo e purpurina” segue essa tendência. Narrado em primeira pessoa e construído a partir de fragmentos escritos pelo próprio autor e reorganizados a partir de um gênero híbrido, que mistura relato, carta, diálogos, entre outros.

“Lixo e purpurina” se situa, no mínimo, na fronteira entre dois gêneros: o diário e o conto moderno. Se, por natureza, o diário é um gênero híbrido, aberto ao registro variado de dados que constituem os eventos que marcam a vida de um indivíduo que, nele, se toma como personagem protagonista de sua própria vida, vendo-a e, em certo sentido, vivendo-a, simultaneamente, mergulhado em suas próprias experiências e olhando essas mesmas experiências a uma certa distância – aquela que fatalmente se interpõe entre o vivido e o escrito, dado que já porta as marcas da experiência transfigurada em texto e, portanto, pelo menos potencialmente, transformada em literatura, ficção [...] (SILVA *apud* FRANCO JUNIOR, 2008, p. 53).

A história acontece num período de quatro meses, datado de 27 de janeiro a 29 de maio, período em que a personagem relata sua condição de exilado e expõe as dificuldades enfrentadas durante esse exílio fato que podemos constatar no seguinte fragmento: “[...] estamos [...] longe do país que não nos quis” (ABREU, 2005, p. 50). No entanto, o personagem não se sente acolhido nesse novo espaço, pelo contrário, sente-se angustiado, desacreditado, o que muitas vezes o leva ao desespero, pois aquele país também não o queria ali, como podemos perceber no recorte de 8 de fevereiro: “E não ter nada além deste amplo vazio que poderei preencher como quiser ou deixá-lo assim, sozinho em si mesmo, completo, total. Até a próxima morte que qualquer nascimento pressagia”. (ABREU, 2005, p. 52)

Deparamo-nos com a imagem de um sujeito angustiado, que se encontra sozinho num grande centro urbano, para ser mais preciso na “Babylon City” nome dado à cidade de

Londres na narrativa, característica peculiar da obra do contista gaúcho. Essa situação o torna um indivíduo totalmente desacreditado, pois não ver uma saída para fugir de todo esse sofrimento causado pelo exílio fome, frio, perseguição, falta de moradia, motivos esses que fazia com que tivesse desejo de voltar para aquele país “distante onde as coisas eram tão reais e um pouco assustadoras dentro da sua ameaça constante, mas onde existe um verde imaginado, encantado, perdido” (ABREU, 2002, p.52).

Como aponta Silva (2012) na própria introdução do conto Caio Fernando, revela o tom autoficcional da sua escrita:

De vários fragmentos escritos em Londres em 1974 nasceu este diário, em parte verdadeiro, em parte ficção. Hesitei muito em publicá-lo – não parece “pronto”, há dentro dele várias linhas que se cruzam sem continuidade, como se fosse feito de bolhas. De qualquer forma, talvez consiga documentar aquele tempo com alguma intensidade e isso quem sabe pode ser uma espécie de qualidade? (ABREU, 2002, p. 193)

É a partir disso, que se compreende que a narrativa possui peculiaridades típicas de uma autoficção, pois relata o período em que Caio viveu em Londres, misturando ficção e realidade. É visível que a narrativa, em sua maioria, é construída a partir de situações vividas pelo escritor, como seu trabalho como “modelo vivo” na escola de “Belas artes” que é percebida no conto a partir da voz do narrador no fragmento do dia 13 de março: “Segundo dia na escola de belas artes. Estou exausto. [...] pediu que pousasse das 18h às 21h, já tinha pousado das 9h às 18h” (ABREU, 2002, p. 56). Para Bakhtin (2003, p. 139) “O valor biográfico pode organizar não só a narração sobre a minha própria vida, pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida”.

No fim da narrativa, a personagem narradora depois do desalento encontrado no país de exílio decide voltar para o Brasil, porém o sentimento que o acomete nesse momento não é diferente do que fica para trás, haja vista que volta sem nenhuma perspectiva e sem possibilidade de vida, pois a sensação deixada pela personagem é que ela volta para um país que não é seu, que não a suporta. Esse medo fica visível no seguinte trecho:

Peço à aeromoça algumas revistas ou jornais brasileiros. Ela me traz uma *Manchete*. Misses, futebol, parece horrível. Então sinto medo. Por trás do cartão-postal imaginado, sol e palmeiras, há um jeito brasileiro que me aterroriza. O deboche, a grossura, o preconceito (ABREU, 2002, p. 63).

A personagem protagonista sempre se sentiu um exilado no seu próprio país, por isso, o medo do retorno, pois temia reviver, o deboche, a grossura, o preconceito, como evidencia o narrador. Caio, enquanto, escritor também se sentia um verdadeiro exilado, um estranho em seu país devido aos seus pensamentos que se distanciavam do que eram postulados pela sociedade. Essa situação conduziu o escritor, a vários deslocamentos em busca de encontrar um lugar que o comportasse entre Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, além das suas viagens por outros países. Segundo Viñar (1992, p. 115):

Retornar é também confrontar-se com a diferença e a alteridade, nisto que comportam de risco, de horror e de violência. Alteridade que se manifesta em relação àqueles que se inscrevem em um outro momento histórico; em relação àqueles que, permanecendo no país, não conheceram o sofrimento do desenraizamento e viveram uma outra experiência, enquanto que nossa

lembrança permaneceu fixa e imutável, ligado a um passado que representa um ideal.

Nas últimas palavras do conto nos deparamos cada vez mais com uma personagem angustiada, dividida e em constante conflito consigo mesmo e com o outro, tendo em vista que teme olhar do outro que não conhece e não passou pela experiência do deslocamento, revelado em forma de oração:

Meu Deus, não sou muito forte, não tenho muito além de uma certa fé – não sei se em mim, se numa coisa que chamaria justiça-cósmica ou a-coerência final- de-todas-as-coisas. Preciso agora da tua mão sobre a minha cabeça. Que eu não perca a capacidade de amar, de ver, de sentir. Que eu continue alerta. Que, se necessário, eu possa ter novamente o impulso do voo no momento exato. Que eu não me perca, que eu não me fira, que não me firam, que eu não fira ninguém. Livra-me dos poços e dos becos de mim, Senhor. Que meus olhos saibam continuar se alargando sempre. Sinto uma dor enorme de não ser dois e não poder assim um ter partido, outro ter ficado com todas aquelas pessoas. Volta a pergunta maldita: terei realmente escolhido certo? E o que é “certo”? Digo que todo caminho é caminho, porque nenhum caminho é caminho. Que aqui ou lá – London, London, Estocolmo, Índia – eu continuaria sempre perguntando. [...] E eu vim-me embora, meu Deus eu vim-me embora (ABREU, 2002, p. 63-64).

Em tom de oração, o narrador personagem ~~nos~~ demonstra que a volta a sua terra natal é marcada por conflitos psicológicos, pois apesar de sentir deslocado em seu exílio, não é/foi garantia suficiente para uma volta satisfatória, afinal, ele também não se identificava com seu país, chegando ao ponto de questionar se realmente estava fazendo o certo. Diante desse questionamento, o que parece mais assustador do que a experiência do exílio é voltar para seu país e vê-lo como um espaço estranho, pois esse seu lugar de origem desperta-o inúmeros sentimentos de medo, horror e provoca ao mesmo tempo uma sensação desagradável e familiar (FREUD, 1986).

Essa estranheza que assola a vivência do narrador personagem de “Lixo e purpurina” tanto no Brasil, como em “Babylon City”, afeta diretamente os projetos de vida individuais. Para Bauman (1998) a questão que se apresenta no mundo pós-moderno num como se “livrar dos estranhos e do diferente uma vez por todas, ou declarar a diversidade humana apenas uma inconveniência momentânea, mas como viver com a alteridade, diária e permanente” (p. 43-44).

Percebe-se que “Lixo e purpurina” é pretensamente autoficcional, pois na sua construção o escritor gaúcho criou personagens que falavam também de si, de sua experiência como exilado e da condição de estranho num país distante. Caio Fernando Abreu, possui assim, uma força inesgotável e capacidade literária para criar em, algumas narrativas, personagens que refletem marcas da experiência vivida, numa perspectiva confessional, dando ênfase à relação entre autor e personagem, bem como justificando de forma convincente, sua escrita autoficcional.

Referências Bibliográficas

1] ABREU, Caio Fernando. **Ovelhas negras**. Porto Alegre: L&PM, 2002. Disponível em: http://www.4shared.com/get/E5jT4-9J/_2__Caio_Fernando_Abreu_-_Ovel.html acesso 12 de Outubro de 2012.

2] BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e Tradução do russo Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

3] BARBOSA, Nelson Luís. **“Infinitamente pessoal”**: a autoficção de Caio Fernando Abreu, “o biógrafo da emoção”. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.Google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&ved=0CC0QFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F8%2F8151%2Fde-30072009-172_856%2Fpublico%2FNELSON_LUIS_BARBOSA.pdf&ei=wrOmULSTKIjo9ATBr4DwBg&usg=AFQjCNGr2QMxUfYEKz0tcutZxjcbGxJ37w&sig2=eUZOUFqx8pjSZKWKD4uu6A acesso em 14 de novembro de 2012.

4] BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

5] FRANCO JÚNIOR, A. “Carpindo o próprio tempo: uma leitura de “Lixo e Purpurina”, de Caio Fernando Abreu” **Revista Guavira – Letras**. . n. 7, agosto a dez de 2008. <http://www.ceul.ufms.br/guavira/downloads/revguavira007.pdf> acesso em 16 de outubro de 2012.

6] FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Traduzido sob a orientação geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 18, p. 237-269.

7] GINZBURG, Jaime. Exílio, memória e história: notas sobre “Lixo e purpurina” e “Os sobreviventes” de Caio Fernando Abreu. In: **Literatura e sociedade**. Universidade de São Paulo. Nº 08, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/l/article/view/19617> acesso em 16 de novembro de 2012.

8] SILVA, Antonia Marly Moura. A Autoficcionalização na prosa contemporânea: Caio Fernando Abreu e Inês Pedrosa. In: **Anais do XXIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP)**. Disponível em: http://www.abraplip.org/anais_abraplip/images/stories/sessoes/Antonia%20Marly%20Moura%20da%20Silva.pdf acesso em 12 de novembro de 2012.

9] Viñar, Marcelo. A Experiência do Exílio: do Traumatismo ao Inesperado. In: Viñar, Maren & Viñar, Marcelo. **Exílio e Tortura**. Tradução de Wladimir Barreto Lisboa. – São Paulo: Escuta, 1992.

Autores

ⁱ **Marly SILVA, doutora (Profa. Dra. Antonia Marly Moura da Silva)**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Departamento de Letras Vernáculas – UERN/Mossoró – RN, Brasil

marlymouras@uol.com.br

ⁱⁱ **Francisco Aedson de Sousa OLIVEIRA, mestrando**

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

aedsonsouza@yahoo.com.br